

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
3 de Maio de 2022
A CINEMATECA COM O INDIE LISBOA – LIGHTCONE: Netsploitation

KEIN FILM / 2000

Um filme de Michael Bryntrup

Som: Robert Hehr / *Duração*: 1 minuto

STEVE HATES FISH / 2015

Um filme de John Smith

Duração: 5 minutos

THE CATALOGUE / 2004

Um filme de Chris Oakley

Duração: 5 minutos

FRAGMANTS / 2019

Um filme de Neozoon

Misturas: Jonathan Janussek / *Duração*: 5 minutos

BROADCUTS / 2002

Um filme de Claudio Sinatti

Duração: 7 minutos

DIALOGUE: A PORTRAIT OF SLAVOJ ZIZEK / 2015

Um filme do Colectivo Los Ingrávidos

Duração: 8 minutos

DEBRIS / 2017

Um filme de Giuseppe Boccasini

Duração: 11 minutos

YO-YO RATED / 2006

Um filme de Derek Woolfenden

Duração: 20 minutos

Cópias: digitais, versões originais com legendas eletrónicas em português / ***Duração total da sessão*: 62 minutos**

Sessão apresentada por Emmanuel Lefrant e com a presença de Neozoon

Este programa pode ser visto como um percurso através das consequências que teve sobre a nossa relação com o mundo o surgimento da internet e de tudo que lhe associado – o mundo digital, com a desrealização da realidade, o fim do objeto, o mundo virtual, a “distância de um clique”, breve sm dúvida mas que abole qualquer percurso, a vigilância absoluta de tudo e todos, os *cookies*, que limitam arbitrariamente os gostos de uma pessoa, a simultaneidade de falta de pureza e falta de misturas nos objetos culturais e nos modos de comunicação que resultam disto. O único filme que destoa um pouco do conjunto do programa é **Fragnants**, apesar da sua qualidade artesanal, precisamente porque não é uma reflexão, é uma composição visual, que talvez tenha sido escolhido por ser um exemplo do que é dito acima, mas não uma reflexão.

Neste percurso de uma hora e dois minutos, concebido como um todo, com filmes que se espraiam por um total de vinte anos, o brevíssimo e muito bem intitulado **Kein Film** (“não há filme”) tem a função de ser o preâmbulo, o abrir da cortina, mas é um filme que contém muito mais do que parece. Podemos entrever que por detrás do aspecto lúdico que tem o ato de se percorrer a internet roubando imagens desconexas está algo bem menos sorridente: a descontextualização das coisas, a sua extrema fragmentação, que resulta na criação de ilhas, mas talvez não de arquipélagos. Como diz sucintamente um intertítulo do filme já perto do desenlace, “o cinema já não é o que deveria ser”, em todo o caso é seguro que o cinema e a imagem em movimento de modo geral já não são o que foram, nem têm a mesma função. **Kein Film** é um “filme de artista”, de alguém que reflete sobre o mundo que o cerca, o que também é o caso de **Steven Hates Fish**, um dos melhores e sem dúvida o mais sinistro trabalho apresentado na sessão, apesar de ser percorrido pelo humor ou talvez por isto mesmo. Feito a partir de um sistema de tradução automática, trata-se de um trabalho extremamente elaborado sobre o modo como o sentido das coisas se altera através de uma aparentemente anódina manipulação, por vezes sem que sequer nos apercebamos disso ou que tenhamos tempo de o fazer, como em algumas passagens do trabalho de John Smith. A frase que serve de título a este trabalho, *Steven Detesta Peixe*, é quase um *cadavre exquis* na dança de letras de avisos luminosos em que consiste visualmente o filme, uma frase com pé e cabeça, porém aposta a um contexto ao qual não se coaduna, mas ao qual passa a pertencer. **The Catalogue** surpreende menos do que **Steven Hates Fish**, porque as câmaras de vigilância e os *cookies* fazem parte da vida de (quase) todos nós, mas o filme adquire um tom igualmente sinistro quando vem lembrar-nos que os clientes dos centros comerciais deixaram de ser filmados unicamente para reprimir os roubos. Eles agora são catalogados segundo os seus gostos pelas mercadorias, uma dedução tirada do exame daquilo que compraram, são catalogados como se eles próprios fossem mercadorias, de modo cada vez mais cirúrgico e preciso. A própria banalidade do contexto em que o filme se passa vem lembrar-nos que, no que refere a catalogação das pessoas (neste caso, como simples consumidores) nós espectadores somos absolutamente idênticos às pessoas que vemos na tela. O título de **Broadcuts** é uma provável alusão a *shortcut* (*atalho*) e a *broadcast*, difusão num veículo de comunicação de massa, embora *shortcut* também seja utilizado em informática para designar o ícone que serve de ligação a um aplicativo ou site. O filme examina um dos raros elementos do mundo pré-internet a ter guardado o impacto que tinha, apesar da multiplicação dos novos modos de comunicação e da aparente dissolução dos centros de difusão: o elemento do “outro mundo” a ter sobrevivido no mundo de hoje é a informação televisiva, o “jornal das 8”, filtro terrivelmente manipulador em que tudo se torna insignificante e homogeneizado. O modo de vestir-se, pentear-se e falar é por assim dizer idêntico nos mais variados países, os jornais televisivos têm algo de petrificado, praticamente não se alteraram no último meio século. Outro aspecto da comunicação televisiva que parece tratado com irrisão neste programa são os debates e entrevistas, nos quais em geral o entrevistador só tem muito vagas noções dos assuntos a serem tratados na entrevista e pouco sabe do percurso do entrevistado. A irrisão é particularmente forte em **Dialogue: a Portrait of Slavov Zizek**, que parece recusar qualquer validade ao princípio da entrevista televisiva, posto que a imagem está alterada e o som abafado. Uma conclusão a que podemos chegar é que não há grande diferença entre assistir a uma entrevista de um filósofo na moda ou de qualquer outra pessoa. Como **Fragments, Debris** também se situa num domínio da representação da imagem um tanto à margem da tonalidade geral do programa da sessão. O título de **Yo-Yo Rated** é uma óbvia alusão, por irrisão, a *xx rated*, ou seja, ao cinema pornográfico, que ocupa uma percentagem considerável do espaço da internet, certamente maioritário. As cenas de onanismo, supostamente cómicas, não bastam para estragar um filme que aborda de modo inteligente a transferência da vida sexual de milhões de pessoas do mundo real para uma esfera virtual.

Antonio Rodrigues